
O REAL E O IMAGINÁRIO

MEMÓRIA E IDENTIDADE NO FIGURADO DE BARCELOS

MUSEU DE
OLARIA

O REAL

E O IMAGINÁRIO

MEMÓRIA E IDENTIDADE NO FIGURADO DE BARCELOS

Ficha Técnica

Título

O real e o imaginário:
memória e identidade no figurado de Barcelos

Autores

José Viana
Patrícia Moscoso

Coordenação

Maria Cláudia Milhazes

Créditos fotográficos

Arquivo Museu de Olaria
José Mesquita
Carlos Araújo
Pedro Cunha

Revisão de provas

José Viana
Patrícia Moscoso

Conceção Gráfica

Mediana

Editor

Município de Barcelos

N.º de exemplares

500

ISBN

978-972-9138-77-5

ÍNDICE

O Figurado de Barcelos	XX
Mestres barristas do século XX	XX
Os herdeiros da arte e da tradição	XX
O (re) encontro com o barro	XX
Da tradição à inovação	XX
O Galo de Barcelos	XX
Catálogo de peças	XX
Bibliografia	XX

O FIGURADO DE BARCELOS

Introdução

“Qualquer que seja o seu suporte histórico, a cultura de um povo é sempre, em diversos graus, a superação ao mesmo tempo efectiva e simbólica da sua particularidade”.

Eduardo Lourenço – *Nós e a Europa ou as Duas Razões*, 1994

O *Figurado* é a designação do produto do trabalho efetuado pelos artesãos barristas que se dedicam a modelar peças à mão, as quais na sua essência representam a realidade ou o imaginário das suas vidas quotidianas.

Os especialistas distinguem dois tipos de Figurado: sortido e estatuária. Figurado Estatuária (ou simplesmente Figurado) é a designação dada às peças de estatuária de expressão popular produzidas quase integralmente à mão. Figurado sortido diz respeito às pequenas peças feitas em grandes quantidades com recurso a moldes.

Não é possível datar o início da produção do figurado sortido, mas sabe-se que em Barcelos era muito abundante entre o início e meados do século XX. As peças possuíam uma característica muito marcante: quase todos os pequenos objetos tinham um assobio, sendo vendidos nos mercados e feiras como brinquedos, objetos de recreação.

O Figurado Estatuária (a partir de agora usar-se-á apenas a designação Figurado) remontará, pelo menos, aos finais do século XVI, havendo notas de que o Frei Bartolomeu dos Mártires se terá referido a bonecos de barro, durante o concílio de Trento, tese que Lapa Carneiro questiona.

No seu ofício, de mãos ágeis, os barristas (e)laboram a reinvenção dos utensílios do quotidiano em brinquedos ingénuos e figuras candidamente maliciosas. Mas o Figurado é também essa outra “arte” de dimensão simbólica que exorciza mitos, lendas e medos, e eleva o artesanato em barro a uma dimensão bipolar que vagueia entre o “divino” e o “demoníaco”.

Personagem dessa tensão entre o profano e o sagrado, Rosa Ramalho, que um dia “encontrou-se com os monstros da mitologia popular”, é a artesã mais carismática da região oleira de Barcelos. Até meados do século XX, o Figurado era visto como uma arte menor. Mas com Ramalho, a peça/brinquedo deu lugar ao objeto de culto das elites cidadinas.

E se Rosa – nossa e do mundo – é símbolo da capacidade criadora de um povo, o Galo de Barcelos é ícone de uma certa portugalidade. De pequenino com assobio (até à 1ª metade do século XX), a grande, colorido, altaneiro e vaidoso, feito à mão ou com a ajuda da roda de oleiro, o Galo corre mundo e eleva o nome de Barcelos e de Portugal.

Este ofício de vergar e modelar o barro à (des)medida imaginação dos barristas remonta tão longe como a profundidade das crateras esventradas na terra de onde os barreiristas extraem a sua matéria prima.

Lá longe, dos incógnitos que sedimentaram a “arte” e dos quais a história dos homens não registou nome, *nem eira nem beira*, até aos dias do amanhã que se vislumbra nas novas gerações, os barristas de Barcelos já foram *Ramalho, Esteves, Baraça, Mistério, Sineta e Côto*. Estes, oficialmente registados, foram baús de tradição e saber que deixaram aos seus familiares e conterrâneos a arte que tinham herdado do saber dos tempos!

E assim nasceram e cresceram mais *Baraças, Cotas, Ramalho, Mistérios, Sapateiro, Macedo e Morgado*. E assim se polvilhou e enriqueceu a região oleira de Barcelos de uma vasta e rica artesanaria.

Hoje, no horizonte vislumbram-se os herdeiros de todo esse caldo social e cultural: *Pias, Ferreiras, Faria, Dias, Macedo, Oliveira*, a mais nova geração de barristas.

E é assim que de anónimos *bonecreiros*, a artesãos de marca e certificação garantida, de todos eles se fez e faz este modo de vida que reinventa a tradição e expressa as memórias e a identidade cultural da região oleira de Barcelos.

“Os barristas continuam a produzir figuras com temáticas e estilos do passado, dando continuidade à expressão de cada família. Hoje, juntam uma nova produção de figuras diferentes e “...reagem quando alguém copia uma criação sua”. Admirados por serem a nossa ligação com um outro mundo, onde a imaginação não tem regras, os barristas desenvolvem um trabalho que dá enfoque ao burlesco, ao feio, ao narigudo e esbugalhado, ao mafarrico e à tentação. As figuras falam de bruxas, sinas, mau-olhado; mas também de flores, de festa. “Num gesto secreto repetem o ritual, concentram-se mais uma vez na representação dos pecados capitais ou num simples galo-assobio.”

Algumas figuras crescem, por altura ou para as festas. Surgem cabeçudos e gigantones que, acompanhados por músicos, animam e criticam, nesta velha tradição popular minhota. São coisas do barro. “Estas figuras têm a utilidade lúdica de olhar, jogar e reconstituir situações. As bandas de música e os coretos remetem para o ouvir música e dançar”. Os mais velhos procuram passar aos mais novos esta vontade de transmissão de saber, as histórias de cada peça encenada, a transmissão dos mitos, a sua recriação, “inventando o que não existe senão através da imaginação”. O olhar sobre o quotidiano, os entes imagináveis, uma certa comédia humana denunciam “uma inconsciência sublime onde uma miséria de séculos encontrou forças para não sucumbir transfigurando-a em consciência activa, em destino assumido.”

Pelo que se disse, mas sobretudo pelo não dito, neste seu singular tempo de reabertura, o Museu de Olaria – *lugar de memórias, sítio de vidas, oficina do imaginário* – apresenta a exposição *O real e o imaginário: memória e identidade no Figurado de Barcelos*.

¹ Barroso, Carlos - **O Imaginário na Arte**, in Art Populaire Portugal, Europália, IEFPP, 1991



MESTRES BARRISTAS DO SÉCULO XX

*Quando o sonho desvaira, o barrista tem o Mundo inteiro nas mãos.
Dispersa talento, como espalha obra.*

Luís Chaves, 1936

ROSA RAMALHO

Rosa Barbosa Lopes foi descoberta para a fama pelos intelectuais da Escola de Belas Artes do Porto, em finais da década de 50 do século passado. A arte da barrista atingiu tal dimensão que é consensual dizer-se que no figurado de Barcelos há um antes e um pós Rosa Ramalho.

Natural de Galegos S. Martinho, nasceu a 14 de agosto de 1888. Viria a falecer no dia 24 de setembro de 1977, aos 89 anos de idade. Rosa aprendeu o ofício de barrista ainda criança, mas só voltou à arte, após a morte do marido, teria a artesã mais de 60 anos. Produziu uma vasta obra inspirada em dois mundos: o místico e o dos monstros. Foi esta vertente fantasmagórica que a distinguiu de outros barristas e a projetou para a universalidade.

Com Rosa, o figurado sortido deu lugar ao figurado de autor com assinatura reconhecida. E foi Ramalho que esteve na origem das alterações sociais e funcionais do figurado: o objeto/brinquedo deu lugar ao objeto/culto das elites cidadinas, e as peças passaram a ter outro valor monetário e simbólico.

A mulher e a sua arte foram apropriadas pelo Estado Novo. Rosa barrista passou a ser símbolo do valor da mulher rural portuguesa.

Em 1968, recebeu a medalha "As artes ao Serviço da Nação". Em 1980, já a título póstumo, o grau de "Dama da ordem de Sant'Iago da Espada", conferido pelo Presidente da República.



ROSA CÔTA

Rosa Faria da Rocha é mais um dos grandes nomes do figurado barcelense.

Filha dos barristas, Domingos Côto e Emília Faria da Rocha, nasceu a 24 de maio de 1901, no lugar de Santo Amaro, na freguesia de Galegos Santa Maria.

Dos seus progenitores herdou o ofício e o apelido Côta, que o seu pai tinha *adquirido*, quando comprou uma casa a uma "mulherzinha côta de um dedo".

Após a morte da sua mãe, tinha Rosa 14 anos, passou a ser a responsável pela lida da casa, crescendo rodeada dos seus sete irmãos.

Para subsistirem, toda a família ajudava a tirar sustento do barro frio e molhado, companheiro dos bons e dos maus momentos, produzindo figurado para vender a comerciantes e nas festas e romarias.

Casou aos 20 anos com Eduardo Fernandes de Sousa - "o Percina" (também ele oleiro), de quem teve oito filhos, dois dos quais, Júlia Cota e Emília Côta trabalham no barro. O seu artesanato começou por ser pueril, simples, representando cenas do quotidiano, mas foram depois as peças mais excêntricas - destaque para os "gigantones" e "taralhotos -", que fizeram de Rosa Côta uma barrista reconhecida e prestigiada.

A artesã faleceu aos 81 anos, no dia 30 de janeiro de 1983, deixando um valioso legado. O nome Côta(o) ficará para sempre ligado à arte popular do figurado da região oleira de Barcelos.



EDUARDO PERCINA

Eduardo Fernandes de Sousa, conhecido por *Percina*, nasceu a 22 de Maio de 1901, no lugar de Souto de Oleiros, na freguesia de Galegos Santa Maria. Filho de Joaquim Duarte de Sousa e de Maria Fernandes, jornaleiros de profissão, viria a casar com Rosa Faria da Rocha, a barrista *Rosa Côta*, a 11 de setembro de 1922.

Eduardo *Percina* era um exímio artífice de galos. Curiosamente, pesa sobre a sua pessoa e a sua obra um silêncio quase total. Sabe-se que ajudava a mulher no fabrico de algumas peças, fazendo à roda, os “cabaços” - termo popular que designa o conjunto do tronco e membros inferiores das bonecas.

Segundo João Manuel Mimoso, subsiste no depósito do Museu Nacional de Etnologia “um importante conjunto de galos do mesmo ceramista (marcados “EFS BARCELOS” (...)) que devem ter sido fabricados para as exposições de arte popular realizadas em Espanha, nos primeiros anos da década de 1940”. Mimoso observa que “não se sabe o porquê das peças terem sido encomendadas a Eduardo Sousa”, mas é provável que o barrista “produzisse os pequenos galos de roda antes da encomenda dos Galos de 1940 e que tenha sido essa experiência que o tenha recomendado para o trabalho”.

Esta exposição contribuiu para divulgar o nome e a obra deste importante barrista. *Percina* faleceu na sua terra natal, a 23 de janeiro de 1987.



ANA BARAÇA

Ana Lopes Gonçalves – Ana Baraça. Filha de barristas sabe modelar. E Ana Baraça teve como pais dois mestres memoráveis: Manuel Valada e Luísa Lopes. Nascida a 26 de maio de 1904, começou a fazer “bonecos” aos sete anos e aos quinze já modelava as suas próprias peças de figurado, que vendia na feira de Barcelos, juntamente com os pais, a 10 réis cada peça. Esteve dois anos a servir na lavoura, e quando regressou ao barro essa experiência refletiu-se nas temáticas do seu artesanato. Ganhou o apelido *Baraça* por casamento com o oleiro rodista Manuel Pereira, que em solteiro tocava viola nas romarias com o instrumento enfeitado por tiras de tecido coloridas – as tais “baraças”! Conta-se que também usava uma baraça em vez de um cinto para segurar as calças.

Durante cinco anos, Ana apenas modelou galos, pintando-os com uma técnica muito dela: utilizava a ponta de um prego. Mais tarde, dedicou-se em exclusivo ao figurado, tornando-se uma das maiores criadoras deste tipo de artesanato. Modelava sobretudo peças que faziam a transposição das atividades agrícolas para elementos decorativos fortemente coloridos e atrativos.

A artesã foi condecorada com o grau de Oficial do Infante D. Henrique, em 8 de março de 1985. Viria a falecer com quase 97 anos, a 27 de março de 2001.



MARIA ESTEVES

Maria Esteves Gonçalves Barbosa nasceu no lugar de Santo Amaro, na freguesia de Santa Maria de Galegos, no dia 27 de junho de 1911. Foi a mais velha de nove irmãos, filhos de Manuel Gonçalves Barbosa e de Joaquina Esteves.

Descendente de uma família oleira - pai, mãe e avós maternos todos eram do ofício -, Maria Esteves cedo se iniciou no trabalho do barro fazendo *galinhos de apito*.

Depois de casar, no dia 18 janeiro de 1933, na Igreja paroquial de Galegos, o nascimento dos filhos, ao todo nove, *obrigou-a* a uma vida amarga.

Modelada e cozida a louça, tarefa que fazia durante a noite, a barrista metia-se à estrada, canastra à cabeça, e fazia quilómetros a fio, vendendo à porta dos fregueses, desde Galegos a Ruães, às vezes até Vila Verde.

Contemporânea de Rosa Ramalho, a barrista recorda que todos gostavam da louça dela (Rosa). *Era mal feita, né, mas gostavam! E a minha também é mal feita. Bem feita não é!*

Maria Esteves costumava dizer que fazia o que lhe vinha à cabeça, mas do que mais gostava era dos pitos pequenos, a primeira louça que o pai lhe ensinou a modelar..

A artesã era, até há pouco tempo, a mais velha barrista viva de Barcelos, e a mais antiga vendedeira da feira da louça de Matosinhos, onde marcou presença consecutiva durante 58 anos. Faleceu a 9 de fevereiro de 2013, contando 101 anos de vida.



MARIA SINETA

Maria de Jesus Fernandes Coelho nasceu a 6 de Abril de 1915 em Galegos S. Martinho. Ficou conhecida por Maria *Sineta* à conta do seu pai, tocador do sino da igreja paroquial. Foi também com os pais que aprendeu a arte de modelar o barro.

Ainda menina, por dificuldades da vida, saiu de casa para servir gente mais endinheirada, tendo regressado para cuidar da família, quando sua mãe adoeceu.

Casou aos 20 anos, a 13 de fevereiro de 1935, com António Faria da Rocha, oleiro filho de oleiro, o conhecido Domingos *Côto*. Nessa altura, voltou a fazer bonecos, trabalho que a acompanharia para o resto da sua vida.

Da sua vastíssima obra sobressaem as "Repúblicas" - "mulheres ou bustos femininos cujo vestuário era inspirado nas cores da bandeira nacional".

Barrista nos serões das noites frias do Inverno, transformava-se em feirante nos longos dias de Verão, apregoando a sua louça em feiras e romarias ou pelas ruas da cidade do Porto.

Da sua personalidade sabe-se que era mulher divertida e de alegria contagiante. Conversadeira e amante de festa, dava nas vistas com as suas roupas garridas: lenços e saias de cores fortes que não dispensava no seu vestuário.

Desapareceu a 10 de março de 1996, aos 81 anos de vida. É das poucas, senão a única família de barristas de Barcelos que não deixou herdeiros na profissão.



MISTÉRIO

Domingos Gonçalves Lima – *Mistério* – nasceu em Galegos S. Martinho, a 29 de agosto de 1921, mas cedo foi morar para a freguesia vizinha, Galegos Santa Maria, no lugar de Santo Amaro. Ganhou a alcunha *mistério* por ser criança franzina, frágil e delicada. Aos três anos de idade ainda não conseguia andar, pelo que se dizia ser um mistério ter sobrevivido. Filho de mãe solteira, foi criado pela avó materna com quem aprendeu o ofício de barrista. Inicialmente, fazia coisas simples, mas aos doze anos já mexia no barro com mais afeição e determinação, graças à sua tia Teresa *Carumas*, uma barrista experiente com quem melhorou a sua arte. Observando o que o rodeava, dava quase sempre às suas peças um toque de ironia. O artesão inspirava-se no mundo rural para reproduzir matanças do porco, juntas de bois e outros animais. Ficou conhecido pela vertente da religiosidade ao modelar santos populares, presépios, reis magos, e o nascimento e morte de Jesus. Do mundo do fantástico destacam-se as peças do diabo com forquilha. Teve uma profícua produtividade sendo-lhe atribuídas cerca de 600 criações diferentes. Ganhou o primeiro prémio no III Salão de Artesanato do Casino do Estoril em 1983. Faleceu no dia 25 de março de 1995, com 73 anos de idade.



“LÁ LONGE, DOS INCÓGNITOS QUE SEDIMENTARAM A “ARTE” E DOS QUAIS A HISTÓRIA DOS HOMENS NÃO REGISTOU NOME, NEM EIRA NEM BEIRA, ATÉ AOS DIAS DO AMANHÃ QUE SE VISLUMBRA NAS NOVAS GERAÇÕES, OS BARRISTAS DE BARCELOS JÁ FORAM RAMALHO, COTO, BARAÇA, ESTEVES, SINETA E MISTÉRIO.”



OS HERDEIROS DA ARTE E TRADIÇÃO

A técnica de trabalhar o barro, o engenho da modelação, os segredos do ofício, os costumes, tudo isso tem passado de pais para filhos ao longo de muitas gerações e está corre no sangue dos barristas.

JÚLIA COTA

Júlia da Rocha Fernandes de Sousa nasceu em Galegos Santa Maria, a 26 de dezembro de 1935.

É mais uma barrista de Barcelos que desde o berço (con)viveu com o cheiro do barro. Seus pais - Eduardo Fernandes de Sousa, o Percina, e Rosa Faria da Rocha, a Rosa Cota eram louceiros - e o seu avô louceiro foi: João Domingos da Rocha - o popular *Mingos Coto*.

Júlia dividiu os seus primeiros anos de vida entre a doutrina e o barro: espalmava sapatas para os bonecos que a mãe fazia. Já mais crescida, começou a aparelhar (acabar a modelação) das figuras que o seu pai fazia na roda.

Ainda solteira, andou de feira em feira a vender a louça que a família produzia: Coimbra, Buçaco, Chaves, Lamego etc. Casada, mãe de 7 filhos, vive do barro ao qual se dedicou de corpo e alma na modelação de figurado.

Atualmente, é uma artesã de créditos reconhecidos. Dá rédea livre à imaginação e produz figuras burlescas, figuras religiosas, animais, reinterpretando-as à luz da sua veia artística. São da sua autoria as famosas bonecas muito coloridas e de expressões faciais exageradas e muito vincadas. Modela também juntas de bois, galos, galinhas e diabos, exemplos da variedade temática e cromática.

Aderiu ao processo de certificação do Figurado de Barcelos.



ROSALINA BARAÇA

Rosalina Baraça é mais uma artesã barcelense que tem no sangue a herança do barro. Filha da Comendadora Ana Baraça, aprendeu a arte com os pais e os avós. Nascida em 16 de fevereiro de 1938, dedicou-se ao barro por inteiro, e depois de aprender o ofício, criou as suas próprias peças.

Trabalhou com sua mãe até aos 30 e tal anos e nessa altura iam vender a muitas feiras: Lamego, Matosinhos, Porto...

Depois, já a trabalhar sozinha, vendia na feira semanal de Barcelos. Quando atingiu notoriedade, as pessoas começaram a procurá-la a casa, para encomendar e adquirir as suas peças.

O seu artesanato é inspirado nos temas da lavoura e nas tradições da região. Faz músicos, ocarinas, gigantones, lavadeiras, espigueiros, cristos. Também produz muitos santos populares, reproduz romarias com fogueteiros, e modela moinhos.

O que mais gosta de fazer são músicos, muito típicos, regionais, mas não lhe agradam as flautas, porque dão muito trabalho para se porem a tocar! Gosta de todas as peças que faz, mas há duas que lhe dão particular prazer: o jogo do linho e as ramadas, duas atividades agrícolas tradicionais da região.



FERNANDO BARAÇA

Fernando Gonçalves Pereira, mais conhecido por Fernando Baraça, nasceu a 15 de janeiro de 1943, na freguesia de Galegos Santa Maria, Barcelos. É filho de artesãos conceituados: Manuel Pereira – oleiro-rodista e de Ana Gonçalves – barrista, e foi deles que herdou o ofício e o gosto para a modelação do barro. Nunca conheceu “outra arte”, e desde miúdo que tem “uma paixão pelo barro”. Da mãe apanhou o gosto pelas peças ligadas à agricultura e pecuária: carros de bois, trabalhos do campo, lavradores, arados, etc. Mas a sua produção estende-se a todo o tipo de peças, muitas delas da sua autoria.

Os seus maiores êxitos e paixão são os Coretos e as Bandas de música. Foi a mãe que o incentivou a fazer o primeiro Coreto. A peça saiu muito bonita e vendeu bem, de tal forma que hoje haverá coretos assinados por Fernando um pouco por todo o país e muitos deles no estrangeiro.

O barrista de Galegos entretanto começou também a trabalhar à roda, até porque, como explica, *hoje muitas peças necessitam de ser feitas à roda*.

Fernando não tem apenas notoriedade e prestígio pela obra que produz. O barrista conseguiu passar aos seus três filhos o legado que tinha recebido dos seus pais: o amor e a inspiração para um ofício que tem passado de geração em geração.



JÚLIA RAMALHO

No início era apenas a neta de Rosa Ramalho. Nunca renegou essa pesada herança. Pelo contrário. Mas a sua veia artística e a sua perseverança deram-lhe nome próprio e o reconhecimento da valia do seu artesanato.

Maria Júlia Oliveira Mota nasceu em Galegos S. Martinho, a 3 de maio de 1946.

O seu pai, José Gonçalves da Mota era ceramista – (fazia estatuetas moldadas), mas a mestre e inspiradora de Júlia foi a sua avó Rosa Ramalho, com quem aprendeu a mexer no barro. Teria uns 10 anos quando vendeu a sua primeira peça, “um menino em cima de um cão”, na romaria da Sr.ª da Saúde, no Campo Lindo, cidade do Porto. Por via da fama da avó, muito cedo começou a conviver com estudantes e professores da escola de Belas Artes do Porto, visitas assíduas do velho casebre/oficina lá da casa de Galegos. Das visitas e conversas com diversos intelectuais – algumas ainda hoje se mantêm, terão surgido novos horizontes para a arte de Júlia.

A sua obra caracteriza-se pelo vidro em tons de mel, no qual retrata figuras como medusas, bacos, diabos, etc. O “Padre Inácio” e “Os setes pecados mortais” são exemplos das peças que a catapultaram para a galeria mais notável dos barristas barcelenses.

Em 2012, recebeu o prémio Carreira, na 2ª edição da Gala do Artesanato de Barcelos. Faz parte dos barristas que cedo aderiram ao processo de certificação do Figurado de Barcelos.



MISTÉRIO FILHOS

O casal Domingos “Mistério” e Virgínia Coelho Esteves, barristas conceituados, gerou doze filhos, seis dos quais chegaram a trabalhar juntos, no início dos anos oitenta. De todos, só Manuel, de 52 anos, e Francisco com 48 anos seguiram, a arte e ofício dos progenitores.

Os dois irmãos - nados e criados no meio do barro - são os seguidores da tradição familiar, perpetuando o trabalho do pai, - a mãe apenas pintava - fazendo, sem grandes alterações, as figuras tradicionais que com ele aprenderam.

Manuel diz que sempre gostou do ofício que tem. *Desde puto que gostava de repetir as figuras que o meu pai fazia. Podiam não ficar iguais, mas ficavam muito parecidas*, contou ao jornal *Barcelos Popular*, em 2008.

Francisco, pelo contrário, percebeu que a família o empurrava para a inevitabilidade do ofício: *achava que me estavam a empurrar para o barro*, mas lá foi ficando e do figurado fez vida!

Conforme foram evoluindo na profissão, Manuel e Francisco foram criando novas peças. O resultado mistura de forma bem doseada, a tradição, o imaginário coletivo, as lendas e os contos, e o quotidiano que os envolve, como bem representam as peças a “Ceia dos Diabos” e os “Santo Antónios” a andar de bicicleta.



BARAÇA FILHOS

A Família “Baraça” é uma das mais tradicionais e conceituadas do universo dos artesãos barristas. Apresentá-la nesta exposição é uma forma de perpetuar a arte e a família.

O mais velho dos três filhos, de Fernando Baraça, Carlos, nasceu a 8 de junho de 1970, em Galegos Santa Maria. Começou bem cedo a trabalhar o barro, pelo que foi ainda na escola que fez as suas peças de artesanato. A paixão que sentia pelo ofício fê-lo abandonar os estudos e dedicar-se por inteiro à arte do figurado. Entretanto, emigrou e já não trabalha no barro.

Victor Baraça - o filho do meio, também nasceu em Galegos, no dia 11 de maio de 1971. Aprendeu a arte com a avó Ana Baraça e a partir dos 12 anos dedicou-se por inteiro ao trabalho juntamente com o pai e os irmãos. Tem promovido a inovação das formas tradicionais e a introdução de novas peças. É dotado de muita sensibilidade para executar Cristos.

Completa a trilogia o filho mais novo, Moisés Baraça. Nasceu no dia 28 de outubro de 1972, e cedo se iniciou no barro, prescindindo dos estudos para se dedicar em exclusivo à modelação do figurado. Sendo o mais novo é, todavia, o mais clássico, inspirando-se nos temas do quotidiano e da agricultura.

O trabalho desta família está certificado.





O (RE)ENCONTRO COM O BARRO

*Dos encontros e desencontros da vida,
há sempre um regresso à origem: o fado do barro!*

FERNANDO MORGADO

Fernando Morgado de Abreu é mais um artesão de Galegos Santa Maria, terra onde nasceu, no dia 15 de outubro de 1927. Filho de artesãos barristas - o pai, Américo Morgado, e a mãe, Ana de Jesus, dominavam com excelente mestria, as técnicas de moldar o barro. Não é assim de estranhar que Fernando, se tivesse iniciado na profissão com apenas 12 anos, demonstrando desde cedo especial aptidão para a pintura de peças de figurado. Aos 24 anos decidiu deixar a sua terra natal e emigrou para o Brasil onde, conjuntamente com um irmão, viria a criar uma empresa de decoração.

De regresso a Barcelos, corria o ano de 1963, constituiu família e criou uma empresa de fabrico de louça decorativa. Anos mais tarde, com o peso da idade, reforma-se e aproveita o tempo livre para (re)buscar as suas raízes, dedicando-se em exclusivo ao Figurado, a sua arte de vocação e coração!

Fernando Morgado modela principalmente pequenas figuras do mundo que o rodeia, dando às suas criações um toque peculiar que reflete a sua rica experiência de vida. Aderiu ao processo de certificação do Figurado de Barcelos, e sempre que pode está presente em feiras e exposições para dar a conhecer o seu trabalho.



JÚLIO ALONSO

Conhecido pelo *Mestre da Louça Preta*, Júlio Alonso nasceu no dia 31 de outubro de 1928, na freguesia de Escariz S. Mamede, em Vila Verde. Fez a 3ª classe na escola de Parada de Gatim, onde um professor que chegava “a cavalo num burro” lhe ensinou as letras do abecedário.

Enquanto se fazia homem, aprendeu as artes do barro com os pais, Manuel Alonso e Maria Gomes. Foi à tropa e mal se viu livre da farda voltou à aldeia de Escariz para casar com Gracinda da Conceição, no dia 24 de Março de 1951.

Três dias depois, o casal instalava-se em Galegos Santa Maria, ficando a morar junto de uns tios, até comprarem a sua própria “casinha”, no lugar de Souto de oleiros.

Nos anos 80, após abandonar a gerência de uma empresa cerâmica que ajudou a criar, Júlio assiste a mais uma crise no sector do barro e refugia-se na sua pequena oficina caseira, onde modela o seu figurado: utensílios do quotidiano e peças de cariz religioso.

Recentemente, foi galardoado pelo Município de Barcelos com o prémio “Carreira”, pelos seus mais de 70 anos dedicados ao trabalho nas louças de Barcelos.

“O barro é a minha vida e vou levar isto até ao fim..., até não poder mais”, deixa escapar, entre dois dedos de conversa, um hábito que gosta de cultivar.



CAROLINA ANDRÉ

Carolina Gonçalves Pereira Faria, que assina as peças como *Carolina André*, nome por que era conhecida a sua família, nasceu a 20 de abril de 1945 no Lugar de Fraião, Galegos Santa Maria, Barcelos.

Da sua avó, Balbina Lopes Esteves, que fazia *Figurado* e o vendia na feira, terá herdado o gosto por essa arte.

Trabalhou numa fábrica de Cerâmica, onde durante muito tempo pintava com grande mestria as peças que outros produziam.

Os anos foram passando e só por altura da organização do 1.º Concurso de Cascatas organizado pelo Museu de Olaria (2000), a artesã modelou alguns bonecos e retomou a proximidade com o barro.

Contudo, *Carolina André* só viria a dedicar-se a fundo ao ofício de barrista, a partir de 2005, (re)iniciando-se na arte que faz com grande paixão – o *Figurado*.

As suas peças transmitem vivências quotidianas e religiosas. Nelas, a artesã revela uma grande destreza na pintura, que só mãos verdadeiramente hábeis assim o podem fazer. Peças vistosas – onde predominam tons fortes e um cuidado nos pormenores – caracterizam a obra de *Carolina André*, que encontrou no *Figurado* o refúgio de uma vida traçoieira.



LOURDES FERREIRA

A artesã Maria de Lourdes Ferreira é natural de Galegos S. Martinho, Barcelos, onde nasceu no dia 22 de setembro de 1946.

O seu primeiro contacto com a arte de trabalhar o barro deu-se prematuramente, quando ainda criança acompanhava os pais que faziam louça utilitária.

Lourdes Ferreira diz que este foi sempre o seu modo de vida preferido, embora tenha tido outras profissões. Todavia, há cerca de uma década começou a dedicar-se quase em exclusivo ao figurado pintado.

O salto para a notoriedade aconteceu quando apresentou os seus primeiros trabalhos na Foz do Porto. As peças executadas pela artesã tiveram muita aceitação, e a partir daí passou a responder às muitas encomendas que lhe solicitam. As peças que Lourdes Ferreira cria são muito variadas, incluindo presépios, santos, ceias, casas, profissões, grávidas, e o céu e o inferno.

As suas figuras são de um colorido atraente e de grande perfeição.

Da diversidade do seu figurado há uma peça pela qual tem especial predileção e que tem merecido destaque: é a imagem dos santos populares bêbados.

Além de participar em vários certames especializados, a barrista tem patente na sua residência, em Galegos S. Martinho, uma exposição permanente com os seus trabalhos.

Foi uma das artesãs que rapidamente aderiram ao processo de certificação do *Figurado* de Barcelos.



MANUEL MACEDO

la o século XX exactamente a meio, quando Manuel Gonçalves Macedo nasceu na freguesia de Galegos Santa Maria, em 1950. Sobrinho de uma barrista e de artesãos oleiros-rodistas, cresceu como peixe na água, e por isso cedo começou a lidar com o barro.

Manuel Macedo é mais um dos barristas da região oleira de Barcelos que se dedicaram muito novos à profissão, dando continuidade à arte da família e à tradição da sua terra.

A determinada altura cria a sua própria empresa: produzia peças a molde que depois vendia nas feiras da região e do país. Mais tarde, com a decadência da olaria e a revitalização do figurado, dedica-se a esta arte quase em exclusivo. Muito inovador, cria peças garridas e muito vistosas, transmitindo aspectos do quotidiano e imagens do ambiente rural que o rodeia. As suas peças ganham notoriedade e começam a ser procurado por especialistas e colecionadores.

Macedo é um dos artesãos que melhor souberam reinterpretar o Figurado de Barcelos. Como outros companheiros de ofício, rapidamente aderiu ao processo de certificação.

Em 2012, ganhou o primeiro prémio da 6ª edição do Concurso de Ideias Inovadoras para o Artesanato, promovido pela *Adere Minho*, com a peça "Einstein Com Marie Curie".

Aderiu ao processo de certificação.



CONCEIÇÃO SAPATEIRO

Maria da Conceição Alves Fernandes – Conceição *Sapateiro* – nasceu a 2 de março de 1952, em Galegos Santa Maria. Filha de um sapateiro e de uma barrista, Conceição foi aprendendo a arte com os pais, ajudando a economia familiar.

Casou aos 23 anos e foi para Espanha trabalhar em porcelana.

Teve quatro filhos, três deles nascidos na Galiza. E uma vida de muita luta e trabalho. Depois de um período de diáspora de mais de duas décadas regressou à sua terra e ao barro.

Hoje faz figurado *pintado/vidrado*, mistura de tradições diferentes. As suas figuras representam personagens populares, nas quais se misturam traços pertencentes a mundos distintos. As peças são muito diversas: presépios, santos populares, ceias e profissões são de cores variadas, mas os verdes e os azuis predominam, evidenciando contrastes que derivam do imaginário da artesã.

Em 1995, ganhou o Prémio Nacional de Artesanato do I.E.F.P. – Instituto de Emprego e Formação Profissional – com a famosa Cruz, que se encontra no nicho de uma das paredes exteriores do edifício dos Paços do Concelho de Barcelos.

Faz parte de uma geração de barristas que aderiram ao processo de certificação do Figurado de Barcelos.



MARIA DE JESUS E EDUARDO PIAS

Não foi o barro que os uniu, mas é o barro que sedimenta a arte e a vida de Maria de Jesus e Eduardo Pias.

Maria de Jesus Sousa Gomes Barbosa nasceu a 28 de dezembro de 1966, em S. Paio de Merelim no concelho de Braga.

Eduardo Macedo de Barbosa nasceu em Galegos S. Martinho a 18 de abril de 1957.

Ao contrário de quase todas as outras barristas, o primeiro contacto de Maria de Jesus com o ofício deu-se após ter contraído matrimónio com Eduardo Pias, esse sim, já barrista de profissão.

Em finais de 2001, o casal começou a dedicar-se com afinco à modelação de pequenas peças de figuras de barro cozido e em grés.

No processo criativo de modelação das suas peças inspiram-se em várias temáticas, tanto cenas do quotidiano: agricultura e profissões; como representações dos santos populares, cristos, figuras bíblicas ou ainda outras temáticas mais atuais.

Desta arte têm feito vida, trabalhando por encomenda ou vendendo em vários certames, como feiras e exposições.

Na FARAV - Feira de Artesanato de Aveiro foram contemplados com um primeiro prémio apresentando a concurso o seu artesanato moderno.



LAURINDA PIAS

Laurinda Macedo Barbosa, mais conhecida por Laurinda Pias, nasceu a 31 de julho de 1958, em Galegos S. Martinho.

Iniciou-se na arte de trabalhar o barro muito nova, mesmo antes de ingressar na escola primária. Primeiro, aprendeu com os seus avós, que se dedicavam à produção de figurado; depois, com as tias, amassando o barro e pintando as tradicionais peças dos presépios.

Entretanto, durante o período letivo ia ajudando as irmãs nos acabamentos das peças que traziam das fábricas para fazerem serão em casa e ganharem um dinheiro extra.

Ao completar a 4ª classe, já a pequena Laurinda, nas horas vagas, pintava louça à peça para uma cerâmica.

Mulher feita, aos 21 anos começou a trabalhar por conta própria, vendendo porcelanas e louças de Barcelos pelas feiras e mercados da região.

A determinada altura da sua vida, entende dedicar-se ao artesanato e envereda pela arte do figurado.

As peças que faz caracterizam-se por serem de argila apenas cozida e valem pelo seu grande vigor decorativo.

Utiliza como principais motivos inspiradores as Cruzes, os Cristos, os Presépios, os Santos Populares e os Galos de Barcelos.



JOÃO FERREIRA

João Gonçalves Ferreira nasceu em 17 de julho de 1958, na freguesia de Galegos Santa Maria, no concelho de Barcelos.

Filho de Joaquim Gonçalves Ferreira e de Maria Rosa Gonçalves Abreu, ambos artesãos, cresceu e fez-se homem no seio da família que vivia do barro, e com a qual também trabalhou até aos 21 anos, dedicando-se à pintura de galos de Barcelos.

Depois, durante cerca de duas décadas foi operário “enfornador/desenfornador” numa fábrica de cerâmica, até que, de um momento para o outro, se viu na situação de desempregado.

Foi então que para ocupar os seus tempos livres, e como forma de “terapia”, João Ferreira iniciou a sua produção de figurado. No início modelava quase só pequenos e coloridos galos nas mais diversas posições. Com o decorrer do tempo foi alargando a sua veia criativa e hoje produz uma grande diversidade de peças, abrangendo várias temáticas: gigantones, juntas de bois, presépios e bandas de música.

O artesanato em barro é já definitivamente a sua profissão.

Participa em vários certames e também trabalha por encomenda.

João Ferreira faz parte dos barristas que aderiram ao processo de certificação do figurado de Barcelos.



CITAÇÃO



DA TRADIÇÃO À INOVAÇÃO

Sedimentados pela tradição, os novos barristas, mesmo desbravando outros conceitos artísticos, continuam a assegurar a memória e identidade da região oleira de Barcelos.

JOAQUIM ESTEVES

Joaquim Ferreira Esteves é o precursor de uma nova geração de barristas que paulatinamente se tem afirmado no contexto do artesanato em barro, no concelho de Barcelos.

Nascido em Galegos Santa Maria, a 13 de dezembro de 1957, foi criado no seio de uma família de oleiros - começou a trabalhar com o pai aos 10 anos - tendo durante anos fortes ligações às olarias e cerâmicas tradicionais.

Todavia, a partir de 2001, Esteves envereda por novos caminhos e modernos conceitos artísticos que o afastam do barrista tradicional.

Produzindo em barro, é certo, Joaquim Esteves rapidamente se afirma como caricaturista de talento, dando a conhecer uma nova arte, diferente de todas as que se fazem em Barcelos.

Artesão de veia irónica e apurado espírito crítico, o trabalho de Joaquim Esteves revela múltiplas expressividades, onde imperam a crítica moral, social e política. Nas suas peças homenageou, ainda que quase sempre em tom satírico, figuras como Einstein, Figo, Bin Laden, Hitler, Bento XVI, S. Pedro e D. Afonso Henriques, a quem cognominou o *Fundador da República das Bananas*.

É um dos mais mediáticos barristas do concelho de Barcelos, reconhecimento que lhe advém da criatividade que imprime nos seus trabalhos, bem como da muita polémica que as suas peças suscitam.



NOVOS BARRISTAS

Os temas do figurado de Barcelos são transversais e perpetuam-se de geração em geração, sustentados quase sempre por escolas familiares que incutem nos seus elementos modos de fazer e características muito próprias, como a *fisionomia, os traços, as cores e as formas* (Moscoso e Reina: 2010).

No concelho de Barcelos, a renovação geracional tem sido contínua, verificando-se atualmente a existência de toda uma nova geração de barristas que asseguram (e bem) a continuidade desta arte e ofício.

Alguns deles são originalmente artesãos, mas existe também um bom número de ex-operários de cerâmicas que entretanto encerraram - homens e mulheres que tiveram o infortúnio de cair no desemprego -, e que agora regressaram às origens, trabalhando numa arte que não só contribui para as suas economias familiares, como é essencial para a sua realização pessoal e profissional.

Enquadram-se nesta categoria, entre outros, os seguintes barristas:

- António Coelho* - As suas peças quase sempre na cor natural do barro;
- António e Teresa Ramalho* - Seguem a arte da mãe Júlia e da avó Rosa;
- Carlos Dias* - Emerge como a nova figura do artesanato. Faz peças em grés;
- Domingos Ferreira* - Filho da Lourdes Ferreira, revela talento como a mãe;
- Emília e Conceição Messias* - Herdaram a inspiração da família *Pias*;
- Helena Silva* - Dedicou-se ao figurado de galos e músicos;
- Inês Machado* - Viúva de António Lourenço, é a mais recente artesã/barrista;
- Irene Salgueiro* - Inspira-se no figurado clássico, mas tem um estilo peculiar;
- João Alonso* - Regressado de Espanha, assegura a arte do pai, Mestre Alonso;
- José Carlos Vilas Boas* - Dedicou-se à produção de galos tradicionais;
- Luísa Melo* - Do casamento com João Ferreira nasceu o amor à arte;
- Nelson Oliveira* - Barrista com linha muito própria nas cores, feições e volume;
- Telmo Macedo* - É barrista da atualidade mas não desdenha o tradicional.

Estes e outros artesãos asseguram e dão continuidade à construção da memória e das identidades sociais e culturais da região oleira de Barcelos.



O GALO DE BARCELOS

*Olha os galos, olha os galos
feitos de barro pintado
brancos, pretos, amarelos
não tem galinhas ao lado...*

*Galos de Barcelos.
Conjunto António Mafra*

O GALO DE BARCELOS

O Galo de Barcelos é a peça do Figurado de Barcelos mais produzida e vendida em todo o mundo. A sua origem perde-se nas memórias do tempo e não existe qualquer fonte documental rigorosa que assinale a criação do primeiro galo de Barcelos. Num estudo sobre as olarias de Barcelos, Rocha Peixoto (1899) refere que, à época, o galo excedia em número e variedade todas as outras espécies da fauna, e aparecia representado como uma figura pequena, modelada, portadora de apito, tal como o restante figurado, pois de um brinquedo se tratava.

Quatro décadas depois, voltam a encontrar-se referências que permitem datar as peças com segurança (Mimoso: 2009). Na pretensão de fazer uma figura maior, os barristas passaram a fazer o corpo do galo na roda de oleiro que depois emparelhava (juntava a cabeça, a cauda e as asas). O galo já não aparecia pintado de negro, antes com cores que variavam entre o vermelho, o creme e o verde, sendo motivos centrais da sua decoração, grandes flores em relevo, sardões ou plumas policromáticas. Este era o galo “padrão” de Barcelos nos anos quarenta, e assim permaneceu por muito mais tempo.

A grande transformação dar-se-ia a partir de meados da década de cinquenta, quando o pintor Gonçalves Torres elaborou um cartaz para a Festa das Cruzes de 1955, e “meteu-se a aperaltar este nosso galo e saiu-lhe então das mãos o «moderno galo de Barcelos” (Macedo Correia: 1957).

A partir dessa altura, a venda do galo disparou. E em 1959 já era vedeta em Paris: “*Os Galos de Barcelos inundam Paris anunciando a Primavera*” nas mais conceituadas lojas de moda da capital francesa, relatava um despacho da ANI - Agência Nacional de Informação. A partir daí, em pleno Estado Novo, o galo transformar-se-ia num ícone nacional. De forma mais esbelta, passou a ser pintado de negro; na decoração, grandes corações vermelhos embelezam a cauda e as asas. Eis a imagem do galo que se tornaria identitária não só do concelho que o criou, mas principalmente da Nação que o celebrou.

Desde então, o Galo de Barcelos tornou-se uma presença constante: em 1966 seria o *Galo Magriço*, símbolo da selecção portuguesa de Futebol no Campeonato do Mundo de Inglaterra. Depois disso, aparece como imagem principal de cartazes turísticos que promovem Portugal; ilustra páginas de jornais; é *souvenir* obrigatório na bagagem de quem nos visita e quer levar consigo algo tipicamente português.

Símbolo nacional - o Galo de Barcelos - corre o mundo e presta-se a todas as aspirações artísticas. Mas é o dito galo popular, pintado de preto com corações vermelhos, o *autêntico embaixador de Portugal*.

O CATÁLOGO DOCUMENTA UMA EXPOSIÇÃO QUE MARCOU A REABERTURA DO MUSEU DE OLARIA, APÓS AS OBRAS DE REQUALIFICAÇÃO, VALORIZAÇÃO E AMPLIAÇÃO DO EDIFÍCIO QUE ACOLHE ESTE EQUIPAMENTO CULTURAL.

AS PEÇAS SELECIONADAS – CENTO E TRINTA E CINCO DA COLEÇÃO DO MUSEU E CERCA DE TRINTA CEDIDAS POR VÁRIOS ARTESÃOS – REFLETEM A ARTE POPULAR E A CRIATIVIDADE MUITO PECULIAR DOS BARRISTAS BARCELENSES, DESDE ROSA RAMALHO ATÉ AOS ARTÍFICES DA ATUALIDADE.

O GALO DE BARCELOS, ENQUANTO ÍCONE DO CONCELHO E SÍMBOLO DE PORTUGAL, ESTÁ REPRESENTADO POR PEÇAS QUE REPRODUZEM A SUA EVOLUÇÃO, DESDE A DÉCADA DE 30 DO SÉCULO XX ATÉ AOS DIAS DE HOJE.

CATÁLOGO DE PEÇAS

1 - Designação: Princesa
Autoria: Rosa *Ramalho* (Rosa Barbosa Lopes)
Local de fabrico: Galegos S. Martinho, Barcelos
Data de fabrico: Ca. 1965
N.º de Inv.º: MO03.1.12

2 - Designação: Cavaleiro
Autoria: Rosa *Ramalho* (Rosa Barbosa Lopes)
Local de fabrico: Galegos S. Martinho, Barcelos
Data de fabrico: 1960-1970
N.º de Inv.º: MO08.0.67

3 - Designação: Alminhas
Autoria: Rosa *Ramalho* (Rosa Barbosa Lopes)
Local de fabrico: Galegos S. Martinho, Barcelos
Data de fabrico: 1960
N.º de Inv.º: MO908

4 - Designação: Alminhas
Autoria: Rosa *Ramalho* (Rosa Barbosa Lopes)
Local de fabrico: Galegos S. Martinho, Barcelos
Data de fabrico: 1960-1970
N.º de Inv.º: MO03.1.1

5 - Designação: S. Pedro
Autoria: Rosa *Ramalho* (Rosa Barbosa Lopes)
Local de fabrico: Galegos S. Martinho, Barcelos
N.º de Inv.º: MO13.2.63
Coleção: Júlio Reis
Doação de José Alberto Reis

6 - Designação: Cabeçuco
Autoria: Rosa *Ramalho* (Rosa Barbosa Lopes)
Local de fabrico: Galegos S. Martinho, Barcelos
N.º de Inv.º: MO13.2.60
Coleção: Júlio Reis
Doação de José Alberto Reis

7 - Designação: Cabeçudo
Autoria: Rosa *Ramalho* (Rosa Barbosa Lopes)
Local de fabrico: Galegos S. Martinho, Barcelos
N.º de Inv.º: MO13.2.61
Coleção: Júlio Reis
Doação de José Alberto Reis

8 - Designação: Cabeçudo
Autoria: Rosa *Ramalho* (Rosa Barbosa Lopes)
Local de fabrico: Galegos S. Martinho, Barcelos
Data de fabrico: Ca. 1970
N.º de Inv.º: MO1088

9 - Designação: Cabeçudo
Autoria: Rosa *Ramalho* (Rosa Barbosa Lopes)
Local de fabrico: Galegos S. Martinho, Barcelos
Data de fabrico: Ca. 1970
N.º de Inv.º: MO1087

10 - Designação: Cabeçudo
Autoria: Rosa *Ramalho* (Rosa Barbosa Lopes)
Local de fabrico: Galegos S. Martinho, Barcelos
Data de fabrico: 1965
N.º de Inv.º: MO1701

11 - Designação: Placa com representaçãoda Última Ceia
Autoria: Rosa *Ramalho* (Rosa Barbosa Lopes)
Local de fabrico: Galegos S. Martinho, Barcelos
Data de fabrico: Ca. 1965
N.º de Inv.º: MO1675

12 - Designação: Galinha macaca
Autoria: Rosa *Ramalho* (Rosa Barbosa Lopes)
Local de fabrico: Galegos S. Martinho, Barcelos
Data de fabrico: Ca.1965
N.º de Inv.º: MO03.1.3

13 - Designação: Galo mulher
Autoria: Rosa *Ramalho* (Rosa Barbosa Lopes)
Local de fabrico: Galegos S. Martinho, Barcelos
Data de fabrico: Ca. 1965
N.º de Inv.º: MO03.1.4

14 - Designação: Galinha homem
Autoria: Rosa *Ramalho* (Rosa Barbosa Lopes)
Local de fabrico: Galegos S. Martinho, Barcelos
Data de fabrico: Ca. 1965
N.º de Inv.º: MO03.1.5

15 - Designação: Cabeçudo
Autoria: Rosa *Côta* (Rosa Faria da Rocha)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
N.º de Inv.º: MO13.2.56
Coleção: Júlio Reis
Doação de José Alberto Reis

16 - Designação: Gigantona
Autoria: Rosa *Côta* (Rosa Faria da Rocha)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
N.º de Inv.º: MO13.2.51
Coleção: Júlio Reis
Doação de José Alberto Reis

17 - Designação: Gigantona
Autoria: Rosa *Côta* (Rosa Faria da Rocha)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
N.º de Inv.º: MO13.2.53
Coleção: Júlio Reis
Doação de José Alberto Reis

18 - Designação: Gigantona
Autoria: Rosa *Côta* (Rosa Faria da Rocha)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
N.º de Inv.º: MO13.2.54
Coleção: Júlio Reis
Doação de José Alberto Reis

19 - Designação: Figura
Autoria: Rosa *Côta* (Rosa Faria da Rocha)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
N.º de Inv.º: MO13.2.58
Coleção: Júlio Reis
Doação de José Alberto Reis

20 - Designação: Cabeçudo pé-de-galo
Autoria: Rosa *Côta* (Rosa Faria da Rocha)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
N.º de Inv.º: MO95.2.39

21 - Designação: Pombal
Autoria: Rosa *Côta* (Rosa Faria da Rocha)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
N.º de Inv.º: MO95.2.22

22 - Designação: Castiçal
Autoria: Rosa *Côta* (Rosa Faria da Rocha)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
N.º de Inv.º: MO 13.2.49
Coleção: Júlio Reis
Doação de José Alberto Reis

23 - Designação: Cabeçudo
Autoria: Ana *Baraça* (Ana Lopes Gonçalves)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
Data de fabrico: Ca. 1984
N.º de Inv.º: MO95.1.119

24 - Designação: Cabeçudo
Autoria: Ana *Baraça* (Ana Lopes Gonçalves)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
Data de fabrico: Ca. 1984
N.º de Inv.º: MO05.1.114

25 - Designação: Cabeçudo
Autoria: Ana *Baraça* (Ana Lopes Gonçalves)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
Data de fabrico: Ca. 1984
N.º de Inv.º: MO95.1.118

26 - Designação: Cabeçudo
Autoria: Ana *Baraça* (Ana Lopes Gonçalves)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
Data de fabrico: Ca. 1984
N.º de Inv.º: MO95.1.115

27 - Designação: Cabeçudo
Autoria: Ana *Baraça* (Ana Lopes Gonçalves)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
Data de fabrico: Ca. 1984
N.º de Inv.º: MO95.1.116

28 - Designação: Espigueiro
Autoria: Ana *Baraça* (Ana Lopes Gonçalves)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
Data de fabrico: Ca. 1984
N.º de Inv.º: MO84.38.123

29 - Designação: Carro de bois
Autoria: Ana *Baraça* (Ana Lopes Gonçalves)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
Data de fabrico: 1984
N.º de Inv.º: MO95.1.105

30 - Designação: Peça de Lavoura
Autoria: Ana *Baraça* (Ana Lopes Gonçalves)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
Data de fabrico: Ca. 1984
N.º de Inv.º: MO84.38.213

31 - Designação: Peça de Lavoura
Autoria: Ana *Baraça* (Ana Lopes Gonçalves)
Autoria da pintura:
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
Data de fabrico: Ca. 1984
N.º de Inv.º: MO84.38.212

32 - Designação: Peça de Lavoura
Autoria: Ana *Baraça* (Ana Lopes Gonçalves)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
Data de fabrico: Ca. 1984
N.º de Inv.º: MO84.38.104

33 - Designação: Peça de Lavoura
Autoria: Ana *Baraça* (Ana Lopes Gonçalves)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
Data de fabrico: Ca. 1984
N.º de Inv.º: MO84.38.106

34 - Designação: Fontanário
Autoria: Ana *Baraça* (Ana Lopes Gonçalves)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
Data de fabrico: julho de 1984
N.º de Inv.º: MO84.38.117

35 - Designação: Choca pombal
Autoria: Ana *Baraça* (Ana Lopes Gonçalves)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
Data de fabrico: Julho de 1984
N.º de Inv.º: MO 84.38.119

36 - Designação: Pombal grande
Autoria: Ana *Baraça* (Ana Lopes Gonçalves)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
Data de fabrico: julho de 1984
N.º de Inv.º: MO84.30.100

37 - Designação: Galo
Autoria: Maria Esteves (Maria Esteves Barbosa)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
Data de fabrico: 2009
N.º de Inv.º: MO09.7.8

38 - Designação: Músico
Autoria: Maria Esteves (Maria Esteves Barbosa)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
Data de fabrico: 2009
N.º de Inv.º: MO09.7.3

39 - Designação: Santo António
Autoria: Maria Esteves (Maria Esteves Barbosa)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
Data de fabrico: 2012
N.º de Inv.º: MO12.1.1

40 - Designação: S. João
Autoria: Maria Esteves (Maria Esteves Barbosa)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
Data de fabrico: 2012
N.º de Inv.º: MO12.1.3

41 - Designação: S. João
Autoria: Maria Esteves Barbosa
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
Data de fabrico: 2009
N.º de Inv.º: MO09.7.7

42 - Designação: Alminhas
Autoria: Maria Esteves Barbosa
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
Data de fabrico: 2009
N.º de Inv.º: MO09.7.10(4)

43 - Designação: Diabo
Autoria: Maria Esteves Barbosa
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
Data de fabrico: 2009
N.º de Inv.º: MO09.7.12

44 - Designação: Presépio
Autoria: Maria *Sineta* (Maria de Jesus F. Coelho)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
Data de fabrico: 1984
N.º de Inv.º: MO95.1.169

45 - Designação: Homem do campo
Autoria: Maria *Sineta* (Maria de Jesus F. Coelho)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
N.º de Inv.º: MO13.2.82
Coleção: Júlio Reis
Doação de José Alberto Reis

46 - Designação: Gigantona
Autoria: Maria *Sineta* (Maria de Jesus F. Coelho)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
Data de fabrico: 1984
N.º de Inv.º: MO95.1.77

47 - Designação: Fiadeiras
Autoria: Maria do Céu F. Coelho (Maria Sineta, Filha)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
Data de fabrico: 1984
N.º de Inv.º: MO84.38.207

48 - Designação: Carro de bois
Autoria: Maria *Sineta* (Maria de Jesus F. Coelho)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
Data de fabrico: 1984
N.º de Inv.º: MO95.1.60

49 - Designação: Castiçal
Autoria: Maria *Sineta* (Maria de Jesus F. Coelho)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
N.º de Inv.º: MO95.2.6

50 - Designação: Choca com pintos
Autoria: Maria *Sineta* (Maria de Jesus F. Coelho)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
N.º de Inv.º: MO95.2.31

51 - Designação: Tronco com pitas
Autoria: Maria *Sineta* (Maria de Jesus F. Coelho)
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
N.º de Inv.º: MO84.38.150

	
Designação: Galo a galar Autoria: Eduardo <i>Percina</i> (Eduardo F. de Sousa) Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos N.º de Inv.º: MO173	
Designação: Galo Autoria: Eduardo <i>Percina</i> (Eduardo F. de Sousa) Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos Data de fabrico: Ca. 1940 N.º de Inv.º: MO169	
Designação: Galinha Local de fabrico: Barcelos N.º de Inv.º: MO171	
Designação: Galinha Autoria: Eduardo <i>Percina</i> e Rosa <i>Cota</i> Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos N.º de Inv.º: MO05.3.24	
Designação: Galo a galar Autoria: Eduardo <i>Percina</i> e Rosa <i>Cota</i> Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos Data de fabrico: Ca. 1945 N.º de Inv.º: MO147	
Designação: Galo Autoria: Eduardo <i>Percina</i> Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos N.º de Inv.º: MO172	
Designação: Galo Local de fabrico: Barcelos N.º de Inv.º: MO163	
Designação: Galinha Local de fabrico: Barcelos N.º de Inv.º: MO164	
Designação: Galo Local de fabrico: Barcelos Data de fabrico: Século XX, década de 30 N.º de Inv.º: MO176	
Designação: Galinha Local de fabrico: Barcelos N.º de Inv.º: MO165	
Designação: Galo Local de fabrico: Barcelos Data de fabrico: Século XX, década de 30 N.º de Inv.º: MO174	
Designação: Galo Local de fabrico: Barcelos Data de fabrico: Século XX, década de 30 N.º de Inv.º: MO2659	
Designação: Galo Local de fabrico: Barcelos Data de fabrico: Século XX, década de 30 N.º de Inv.º: MO2657	

Designação: Galo
Local de fabrico: Barcelos
Data de fabrico: Século XX, década de 30
N.º de Inv.º: MO183

Designação: Galinha
Local de fabrico: Barcelos
N.º de Inv.º: MO05.3.19

Designação: Galo
Local de fabrico: Barcelos
N.º de Inv.º: MO170

Designação: Galinha
Local de fabrico: Barcelos
N.º de Inv.º: MO05.3.17

Designação: Galo
Local de fabrico: Barcelos
N.º de Inv.º: MO05.3.21

Designação: Galinha
Local de fabrico: Barcelos
Data de fabrico: Século XX, década de 30
N.º de Inv.º: MO184

Designação: Galo
Local de fabrico: Barcelos
Data de fabrico: Século XX, década de 30
N.º de Inv.º: MO187

Designação: Galo
Autoria: Eduardo *Percina* e Rosa *Cota*
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
Data de fabrico: Século XX, década de 30
N.º de Inv.º: MO260

Designação: Galo
Local de fabrico: Barcelos
Data de fabrico: Século XX, década de 50
N.º de Inv.º: MO364

Designação: Galinha
Local de fabrico: Barcelos
Data de fabrico: Século XX, década de 50
N.º de Inv.º: MO365

Designação: Galo
Local de fabrico: Barcelos
Data de fabrico: Décadas de 1940-1950, provavelmente
Nota: assinado DC
N.º de inventário: MO96.3.48

Designação: Galo
Local de fabrico: Barcelos
Data de fabrico: Década de 1960, provavelmente
N.º de Inv.º: MO90.1.135

Designação: Galo
Autoria: Maria *Sineta*
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
Data de fabrico: 1984
N.º de Inv.º: MO95.1.1

Designação: Galinha
Autoria: Júlia *Côta*
Local de fabrico: Manhente, Barcelos
Data de fabrico: 1986
N.º de Inv.º: MO87.4.1

Designação: Galo
Autoria: Júlia *Côta*
Local de fabrico: Manhente, Barcelos
Data de fabrico: 1984
N.º de Inv.º: MO95.1.3

Designação: Galo
Autoria: Eduardo *Percina* e Rosa *Cota*
Local de fabrico: Galegos Sta. Maria, Barcelos
N.º de Inv.º: MO08.0.19

Designação: Galo a galar
Autoria: Joaquim Lopes e Emília *Cota* (Emília da Rocha F. de Sousa)
Local de fabrico: Manhente, Barcelos
Data de fabrico: 2002
N.º de Inv.º: MO02.5.22

BIBLIOGRAFIA

Um barrista de cada vez, Museu de Olaria, 1996-1997.

Um barrista de cada vez. Barcelos, Câmara Municipal, Museu de Olaria, 1996-1997. Folhetos de exposições organizadas pelo Museu de Olaria.

Um barrista de cada vez, Museu de Olaria, 1996-1997.

CARNEIRO, Eugénio Lapa – *São de barro, não pecam. Dom Frei Bartolomeu dos Mártires e a antiguidade da indústria dos bonecos de Barcelos*. Separata de Barcelos Revista, 2.ª Série, n.º 9-10 (1998/1999).

Um barrista de cada vez, Museu de Olaria, 1996-1997.

Catálogo da exposição de arte popular portuguesa. Lisboa, Secretaria da Propaganda Nacional, 1936, p. 39.

Um barrista de cada vez, Museu de Olaria, 1996-1997.

Figurado de Barcelos. A produção actual. Barcelos, Câmara Municipal, Museu de Olaria, 1984. Catálogo da exposição patente no Pavilhão Gimnodesportivo (Parque da Cidade), Barcelos, Setembro de 1984.

Um barrista de cada vez, Museu de Olaria, 1996-1997.

LOURENÇO, Eduardo – *Nós e a Europa ou as Duas Razões*. Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1988.

Um barrista de cada vez, Museu de Olaria, 1996-1997.

MIMOSO, Manuel João – “Origem e evolução do Galo de Barcelos”. In Olaria: *Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnológicos*. Barcelos: Câmara Municipal, Museu de Olaria, 2.ª Série, n.º 4 (2009), p. 142-159.

Um barrista de cada vez, Museu de Olaria, 1996-1997.

Mistério. Lisboa: Instituto do Emprego e Formação Profissional, 1991.

Um barrista de cada vez, Museu de Olaria, 1996-1997.

REINA, Carina; MOSCOSO, Patrícia – “Variações sobre um tema: figurado barcelense de Rocha Peixoto a Rosa Ramalho”. In *Boletim Cultural Póvoa de Varzim*. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, vol. 44 (2010), p. 7-45.

Um barrista de cada vez, Museu de Olaria, 1996-1997.

Tributo aos mestres artesãos de Barcelos. Barcelos, Câmara Municipal, 2006. Catálogo de exposição.

Um barrista de cada vez, Museu de Olaria, 1996-1997.

VIANA, José – *Maria Esteves: cem anos de memória nas lides do barro*. Barcelos, 2011. História de vida acessível no Centro de Documentação de Olaria, Museu de Olaria, Barcelos, Portugal.

Um barrista de cada vez, Museu de Olaria, 1996-1997.

Idem – *Representações das olarias de Barcelos na imprensa local: meio século em análise (1950-2000)*. Braga, 2011. Tese de mestrado em Ciências da Comunicação, apresentada à Universidade do Minho, Braga. Acessível no Centro de Documentação de Olaria, Museu de Olaria, Barcelos, Portugal.